

**UEMS - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE ARTES CÊNICAS E DANÇA – LICENCIATURA**

FLÁVIA LAÍS DE ARAÚJO ALARCON COSTA

**DANÇA FOLCLÓRICA REGIONAL E IDENTIDADE CULTURAL: A
CONTRIBUIÇÃO DO GRUPO CAMALOTE PARA A CULTURA POPULAR DO
MATO GROSSO DO SUL**

Campo Grande - MS

Novembro- 2015

FLÁVIA LAÍS DE ARAÚJO ALARCON COSTA

**DANÇA FOLCLÓRICA REGIONAL E IDENTIDADE CULTURAL: A
CONTRIBUIÇÃO DO GRUPO CAMALOTE PARA A CULTURA POPULAR DO
MATO GROSSO DO SUL**

Pesquisa apresentada como pré-requisito parcial para conclusão do Curso de Artes Cênicas e Dança – Licenciatura da UEMS – Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, sob a orientação da profª Me. Christiane Araújo.

Campo Grande - MS

Novembro- 2015

“Toda identidade é uma construção simbólica
(...) não existe uma identidade autêntica, mas uma
pluralidade de identidades construídas por
diferentes grupos sociais em diferentes momentos
históricos”. (Renato Ortiz).

DANÇA FOLCLÓRICA REGIONAL E IDENTIDADE CULTURAL: A CONTRIBUIÇÃO DO GRUPO CAMALOTE PARA A CULTURA POPULAR DO MATO GROSSO DO SUL

Flávia Laís de Araújo Alarcon Costa¹

Christiane Guimarães de Araújo²

Resumo: O presente artigo apresenta um estudo, o qual tem por objetivo investigar a contribuição da dança popular sul-mato-grossense na formação dos aspectos culturais locais, utilizando como exemplo a expressão artística do Grupo de Danças Parafolclóricas Camalote. Para a afirmação, divulgação e construção da identidade cultural do Estado do Mato Grosso do Sul aborda os aspectos históricos, geográficos, políticos e sociais que ajudaram a caracterizar a região do MS, bem como uma breve análise das diversas influências que o Estado recebeu; para isso utilizamos uma metodologia de cunho bibliográfico, destacando alguns autores como Marlei Sigrist, Edgar César Nolasco, Maria da Glória Sá Rosa e Carlos Rodrigues Brandão.

Palavras-chave: dança popular; identidade cultural; cultura popular sul-mato-grossense; folclore.

Abstract: This paper presents a study which aims to investigate the contribution of popular South Mato Grosso dance in the training of local cultural aspects using as an example the artistic expression of Parafolclóricas Dance Group Camalote. For the affirmation, promotion and construction of cultural identity of the Mato Grosso do Sul State addresses the historical, geographical, political and social aspects that helped to characterize the MS region, as well as a brief analysis of the various influences that the state received; for this we use a bibliographic nature methodology, highlighting some authors as Marlei Sigrist, Edgar Cezar Nolasco, Maria da Glória de Sá Rosa and Carlos Rodrigues Brandão.

Keywords: popular dance; cultural identity; popular culture Mato Grosso do Sul; folklore.

¹ Graduanda em Arte Cênicas e Dança pela UEMS.

² Professora do curso de Artes Cênicas e Dança da UEMS, Mestre em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB).

INTRODUÇÃO

Mato Grosso do Sul é um estado relativamente jovem, contando desde a divisão do estado com Mato Grosso são 38 anos de existência, porém sua história e tradições acumulam-se ao longo de séculos, em meio aos antigos habitantes da região pantaneira, aos índios, aos imigrantes, aos países de fronteira e suas influências. É a mistura de povos, músicas, comidas e danças que rege a identidade desse estado, identidade essa, tão questionada, causadora de tantos desencontros em meio às pessoas que aqui moram e visitam que se perdem entre tanta diversidade.

Sá Rosa (1989) afirma que não se pode falar em cultura sem olhar para dados históricos, políticos e econômicos que refletem na maneira de ser e agir de um povo. O cenário artístico vem sofrendo grandes mudanças que perpassam o nosso tempo. É intrínseco à arte acompanhar a vida e a realidade da contemporaneidade, e estabelecer fortes laços com elas. Seja pra denunciar, criticar, valorizar ou poetizar os fatos e acontecimentos atuais como diz Bauman (*apud* OLIVEIRA, 2011, p.14)

A sociedade contemporânea traz em seu esteio uma gama de relações que se estabelecem num movimento dinâmico e fluido, (...). Essa realidade apresenta grandes mudanças que movimentam as medidas econômicas, os modos de pensar, as formas de comportamento, as mudanças de valores. (...) refletindo sobremaneira na organização social da nossa época.

No que se refere à dança nota-se um constante esforço dos artistas para considerarem as mudanças em torno das suas criações. Fontanella (*apud* OLIVEIRA 2011, p. 15) aponta que o homem dança para estar consigo, e de fato é a expressão do movimento não só do corpo, mas de sua alma. O homem dança desde que é homem, dança para comemorar o plantio, a colheita, dança em adoração aos deuses; dançar significa a existência.

Desde antes da divisão do Estado a dança esteve presente em diversos contextos urbanos e rurais e esta pode ser um meio de lembrar ao homem pantaneiro de onde veio, de onde surgiu sua cultura e história. Dentre as diversas linguagens artísticas que estabelecem tal relação e compõem um círculo cultural, a

dança gera uma vasta possibilidade de relação com os povos e os costumes que ajudam a construir a identidade de um povo, de comunidades e locais.

Quando falamos de folclore ou cultura popular, estamos nos referindo às expressões autênticas do povo, que sintetizam suas tradições e se renovam de acordo com as vivências e necessidades de determinado grupo social. Conforme Brandão (2007, p. 26), a palavra "Folclore", criada por William John Thoms, um arqueólogo inglês, é formada pelos vocábulos *folk* e *lore*, significando *povo* e *ciência, saber*. Para elucidar a nossa compreensão a respeito do que se caracteriza por folclore, define a Carta do folclore brasileiro:

[...] o conjunto de criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social. Constituem-se fatores de identificação da manifestação folclórica: aceitação coletiva, dinamicidade, funcionalidade. Ressaltamos que entendemos folclore e cultura popular como equivalentes, em sintonia com o que preconiza a Unesco. (CARTA DO FOLCLORE BRASILEIRO, 1995)

O contato com o folclore por intermédio da dança que permeia o povo do Estado do MS pode proporcionar uma experiência ímpar, capaz de aproximar as tradições derrubando um conceito, ou o senso comum de que não se tem sua própria história. Dentre alguns grupos encontrados que trabalham com a dança folclórica, ou inserem linguagens regionais em suas composições escolhemos um para citar no texto, pois sua trajetória destacou-se pelo pioneirismo, por trabalhar exclusivamente com as manifestações folclóricas e pela pesquisa e resgate das expressões populares que realizam para compor o seu repertório.

O Grupo de Danças Parafolclóricas Camalote tem uma caminhada de mais de dez anos dedicados ao estudo e divulgação da cultura popular, desenvolvendo programas junto às escolas, participando de importantes festivais como representante do folclore sul-mato-grossense, além de ser um Ponto de Cultura vinculado ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Encontramos no trabalho do grupo Camalote um meio de aproximação das pessoas com as danças folclóricas regionais. Ao trazer essa cultura popular para a cena, mesclando dança folclórica e dança estética, o grupo desenvolve o que chamamos de dança parafolclórica, uma nova leitura estética sobre as manifestações do povo trazendo um trabalho que

[...] é desenvolvido pelo sistema de projeção do folclore, preocupando-se com a linguagem cênica, porém, sem subordinar se às regras técnicas e acadêmicas para manter vínculo com o popular e com a espontaneidade de quem dança. (BARBOSA, 2014, p.3)

O Estado do MS tem sua memória artística/cultural a ser preservada e em constante construção, ao citarmos o trabalho artístico do grupo Camalote, enquanto referência em dança regional, trazemos à luz da discussão a importância desse resgate das tradições, no intuito não apenas de difundir essa iniciativa, mas de buscar para o grupo e para todos que dedicam-se à arte regional um maior incentivo dos órgãos públicos responsáveis pela preservação e difusão do patrimônio cultural do Mato Grosso do Sul.

1. UM ESTADO JOVEM DE TRADIÇÕES ANTIGAS: APONTAMENTOS SOBRE CULTURA E IDENTIDADE

Para que possamos definir os traços culturais que compõem o estado do Mato Grosso do Sul, precisamos primeiramente situá-lo historicamente e geograficamente. O referido estado tem grande parte de seu território na maior área inundável das Américas, o Pantanal; faz divisa com os estados brasileiros de Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais, São Paulo e Paraná, dos quais recebeu diversas influências, resultantes dos processos migratórios; além disso, ainda faz fronteira com o Paraguai e Bolívia, tendo relações históricas muito particulares com os países vizinhos e incorporando dessas relações diversos traços culturais.

Se pesquisarmos a região antes da chegada dos europeus, veremos que nesse território habitavam várias nações indígenas, com diferentes habilidades e costumes, destacando – se os guató, paiaguá, guaicurú, terenas, guaranis, guanás, caiapós e caiuás. Segundo RODRIGUES (1992) e CAMPESTRINI (2011), os guató e os paiaguá eram canoeiros, ocupavam toda a extensão do rio Paraguai; os terenas e os guanás habitavam a região de Aquidauana, famosos pelas suas habilidades agrícolas; os guaranis dominavam as matas da atual fronteira com o Paraguai, de onde extraíam erva-mate; Os guaicurú, cavaleiros e guerreiros, eram nômades e se distribuíam pela Serra de Bodoquena até Coxim; os caiapós

viviam na região do Bolsão e os caiuás na região de Dourados, até a divisa com Paraná e São Paulo, formando assim uma complexa teia de costumes, crenças e objetivos.

Neste contexto SIGRIST (2008) nos diz que os primeiros exploradores europeus chegaram ao território sul-mato-grossense no século XVI, penetrando o continente por meio do rio da Prata, em busca dos tesouros do império Inca no Peru. A partir desse momento, iniciaram-se diversos conflitos, nos quais índios foram escravizados e catequizados, na busca pelas minas de ouro.

O estado também esteve na rota dos bandeirantes, estes que vieram de São Paulo navegando pelo rio Tietê, adentrando nos rios Pardo, Piquiri, Ivinhema e outros, começando dessa forma um processo migratório. Posteriormente, conforme CAMPESTRINI (2011) em meados de 1775, os portugueses saíram de Cuiabá e vieram para o Pantanal fundar o Forte Coimbra, e posteriormente o Povoado de Albuquerque, na região de Corumbá, no intuito de ocupar a margem direita do rio Paraguai para intensificar a guarda na fronteira com a Bolívia e o Paraguai, além de servir de apoio aos viajantes que ali passavam. Cada grupo de migrante que chegava a região trazia sua bagagem cultural, que ia se misturando com a cultura nativa.

Em 1864 tropas paraguaias invadiram o Brasil dando início à Guerra do Paraguai. Após a guerra, teve início o denominado “ciclo da erva mate”, intensificando a mistura de culturas na região da fronteira, pois muitos paraguaios vieram como fugitivos para o Brasil; hoje podemos notar a grande influência e contribuição na música, na alimentação, nas crenças, religiosidade e na dança, objeto este de nosso estudo, frutos desse contato e dessa mistura.

Outro fato histórico que interfere diretamente na construção da identidade do estado é o fato de que no início do século XX, o território sul-mato-grossense foi muito procurado por imigrantes estrangeiros; a partir da construção da estrada de ferro Noroeste do Brasil (NOB) vieram primeiramente os japoneses, seguidos dos sírios, libaneses, palestinos, turcos, cuja influência cultural é facilmente notada, assim como a contribuição nos setores de construção, alimentação e comércio.

Nesse emaranhado de povos, nações, conflitos e relações, o estado foi se constituindo historicamente. O MS é considerado, portanto, um estado jovem, porém conforme argumenta a pesquisadora Marlei Sigrist, “dizer que ele não possui

tradição, por ser um Estado criado (politicamente) há poucos anos, seria ingenuidade” (SIGRIST, 2011 p.45). O território sul-mato-grossense carrega uma pluralidade cultural e uma história que ultrapassa e muito suas quase quatro décadas de existência no mapa do Brasil. A respeito dessa bagagem cultural, pontua SÁ ROSA (1989, p.58):

Para resumir, cultura é tudo aquilo que nos define como seres humanos brasileiros e sul-mato-grossenses. Daí não se poder falar em cultura, sem atentar para a história, para os fatores políticos, econômicos e que determinaram o modo de ser, de agir, de produzir.

Falar da cultura sul-mato-grossense, implica estabelecer uma ponte entre a juventude de um estado pós divisão e os infinitos caminhos trilhados no antigo Mato Grosso e antes ainda, Estado de Maracaju. Podemos observar atualmente, que a arte e a cultura regional têm ganhado mais importância entre a nossa sociedade, tanto nas escolas como na mídia, o que levanta também questionamentos acerca do tipo de referências sobre nossa cultura e tradição que está atingindo as pessoas, devido à escassez de materiais e pesquisas referentes a isso.

Nesse contexto, vemos perdurar em nosso meio uma necessidade de afirmação da nossa identidade enquanto integrantes de um grupo social, político, geográfico que é o MS. É fácil notar essa necessidade em situações simples como quando pessoas de outras localidades dizem que estiveram no Mato Grosso, ou até mesmo na mídia cometem esse equívoco referindo-se a cidades da porção sul. Geralmente tal confusão tem como resposta um sonoro “do SUL”, acompanhado de algumas noções básicas de geografia e história, para frisar a pertença a esse ‘lugar diferenciado’. Sobre a afirmação dessa singularidade, Marlei Sigrist (2011, p. 53) indica que “é comum criar-se uma expectativa em relação ao que é diferente em Mato Grosso do Sul, aquilo que é ‘somente nosso’ para atestar a identidade regional”.

Abordar a cultura do povo que trilhou os caminhos desse estado é possibilitar às pessoas encontrar-se enquanto peça integrante desse quebra-cabeça, pois “a cultura é uma dimensão do processo social, da vida de uma sociedade [...] cultura é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social”. (CUNHA, 2010, p. 72). Pensando nessa construção histórica e entendendo que nosso processo social está em constante desenvolvimento, passamos a

enxergar que, nossa memória artística e cultural está em constante construção e que isso faz parte do que questionamos como sendo a nossa identidade, algo que nos pertença, que nos seja particular.

Como falar em *próprio* em Mato Grosso do Sul, neste local cultural fronteiriço, que um dia aliás, pertencera ao Paraguai, e de natureza transcultural? Não por acaso aqui temos a sopa paraguaia, a chipa e o tereré vindos do país vizinho, temos o chimarrão, vindo do Sul, chegado aqui depois do mate dos guascos, temos o sobá, o churrasco, o arroz de carreteiro – tudo isso é nosso ou não é? *Elaborar* uma resposta passa, se não pela transculturação, com certeza por um processo de desconstrução conceitual, na medida em que estamos envolvidos a uma discussão que escapa, a princípio, a qualquer definição rasa. (NOLASCO, *et alli*, 2011, p. 174).

Portanto, podemos entender que é esse conjunto de experiências, misturas e incorporações de traços advindos dos migrantes e imigrantes, juntamente com as características dos povos indígenas nativos, que formam o que chamamos de identidade cultural regional, afinal, se os habitantes do estado aderiram aos costumes alimentares acima citados, se aqui dançam polca, vaneira, se ouvem e tocam chamamé, moda de viola, entre outras coisas, é porque com o passar do tempo, tais características foram sendo incorporadas ao cotidiano, tornando-se costumes adotados pelo povo, “o uso dessas manifestações faz com que sejam legitimadas como cultura local, evidenciando, porém, as particularizações que adquirem”. (SIGRIST, 2011, p. 54).

Nesse contexto, a expressão artística contribui para o enriquecimento da história e da identidade do grupo social em que ela se desenvolve. Dentre as diversas formas da arte a estabelecer essa relação, a dança foi escolhida como objeto de estudo desta pesquisa pois. As suas características e as impressões acerca da sua participação nesse contexto sociocultural serão expostas nos capítulos seguintes.

2. DO POVO PARA A CENA: A CONTRIBUIÇÃO DO GRUPO CAMALOTE NA DIFUSÃO E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO MS

*“Tem cheiro de camalote
Tem gosto de Tarumã[...]*

*Pantaneiro, chegou a hora de você cantar
Pantaneira, chegou a hora de você dançar
Me mostre essa ciranda nascida no Pantanal”
(Ciranda Pantaneira – Grupo Acaba)*

Em Mato Grosso do Sul, o Grupo de danças Parafolclóricas Camalote é atualmente o de maior representatividade no que diz respeito à dança folclórica regional. Na sua fundação denominado Sarandi Pantaneiro, o grupo Camalote é uma organização de caráter cultural vinculada à Comissão Sul-mato-grossense de Folclore e ao Ponto de Cultura Camalote, com o intuito de divulgar e preservar as danças folclóricas ocorridas no MS e suas ligações com o universo das lendas e das festas populares. O grupo trabalha de maneira independente e seus integrantes são voluntários, não há salário ou cachê. Para realizar espetáculos e confeccionar figurinos, contam com alguns incentivos vindos de órgãos públicos.

O grupo surgiu a partir das pesquisas de Marlei Sigrist pelo interior do estado, em sua busca de relatar o conhecimento prático e teórico a respeito da cultura popular, quando notou a presença da dança em uma infinidade de momentos e o quanto essa manifestação fazia parte da identidade do povo. A partir daí, ela iniciou um trabalho com alguns membros da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS.

No ano de 1992, o grupo ganhou maior visibilidade, após participar de um festival chamado Eco Rio, ficando conhecido regional, nacional e internacionalmente; em 2003 pelo projeto Soluções Inteligentes de Movimento –SIM, uma parceria da Fundação Barbosa Rodrigues e a Rede Municipal de Ensino – REME, o Grupo desfilou no dia 26 de agosto, aniversário de Campo Grande- MS, cuja temática abordava o folclore do estado. Os dançarinos, em sua maior parte professores, decidiram dar continuidade ao projeto, estruturando então o Grupo de Danças Parafolclóricas Camalote. (SIGRIST, M. Entrevista ao Programa Primeira Pessoa. TV Educativa Brasil Pantanal, 04/03/2013).

O grupo é dirigido pela Prof^a. M^a. Marlei Sigrist, arte-educadora, pesquisadora e referência nacional quando se trata da cultura regional popular de Mato Grosso do Sul. Possui experiência nas áreas de Antropologia, com ênfase em Etnologia, atuando principalmente nos seguintes temas: cultura popular, folclore, folkcomunicação.

Fotografia 01 – Grupo Camalote nas águas do Pantanal



Fonte: Arquivo Grupo Camalote

3. A DANÇA: UMA DAS FACES DA CULTURA POPULAR DO MS

“Quem dançou cururu e catira
com certeza dançou siriri
tem o peito cheio de saudade
querendo de novo dançar sarandi.
Cururu, siriri, Sarandi, carcará, caburé, tuituiú, juriti”.
(Música Sarandeio de Catira – Grupo Sarandi Pantaneiro)

No espaço cultural multifacetado do Estado do Mato Grosso do Sul, encontramos uma pluralidade de danças, que expressam as relações do povo com a terra que habitam, com seu trabalho, suas crenças e seus costumes. No cunho popular, a dança é uma cultura espontânea aprendida de maneira informal, no cotidiano, no contato diário entre as pessoas, nas prosas, nos momentos de descanso e festejos. As denominadas danças folclóricas, ou danças populares, estão diretamente associadas à vida do povo, à sua capacidade de criar e recriar.

As manifestações de caráter folclórico são um fator fundamental no que tange à diversidade cultural do nosso país e da nossa região. Rodrigues (1992) pontua que “de modo geral as danças folclóricas sul-mato-grossenses procedem de outras regiões, mas adaptam-se à cultura local”, e por meio delas, podemos entrar em contato com diversos aspectos que compõem a cultura do estado. Sigrist (2011) propõe um mapa da dança dividindo o estado em três partes: a região do Bolsão, a nordeste, influenciada pelos mineiros, paulistas e goianos. Região do Pantanal

localizada a oeste tem as características pantaneiras, que remontam a fundação de Corumbá, além da contribuição cuiabana. Região de fronteira, englobando o sul e sudoeste, caracterizada pela forte influência paraguaia e traços da tradição gaúcha. De acordo com as pesquisadoras Marlei Sigrist e Idara Rodrigues, até o presente momento temos o registro de 14 danças pesquisadas, serão elas descritas a seguir, para que possamos estabelecer a relação entre tais manifestações e as influências históricas citadas anteriormente.

Região do Bolsão: “encontramos nessa parte do estado, o caranguejo [...] dança em roda, onde o sapateado substitui o canto; a cobrinha ou revirão, que começa com um cantador que vai tirando outro, virando-se para um lado ou para o outro em movimentos semelhantes a uma cobra” (RODRIGUES 1992, p. 302). Outra ciranda, só que de ritmo valsado, é *Engenho de Maromba*, com versos poéticos que ilustram a vida do homem rural que trabalhava com o engenho de cana-de-açúcar, os pares rodam em sentidos alternados, semelhantes ao movimento das engrenagens do engenho. O *Engenho Novo* contém traços da anterior, porém a música é mais rápida e alegre. O *Sarandi*, conserva a melodia da cantiga “Ciranda-cirandinha”; é uma dança de casais em roda, onde trocam os pares e os dançadores declamam versos.

Fotografia 02 - Catira



Fonte: Arquivo Grupo Camalote

Ganha destaque nessa região a *Catira*. De origem portuguesa, trazida por influência mineira e goiana, é executada ao som da moda de viola “[...] é uma dança

só de homens que batem pés e mãos, em compasso interrompido pelas cantigas do sanfoneiro ou violeiro [...]” (RODRIGUES, 1992). Dançada especialmente durante festejos de santos cultuados no meio rural, ou nas festas de peão de boiadeiro é executada pelos catireiros, que ocupam um papel social de destaque na comunidade, e as danças/ completas chegam a durar 40 minutos (SIGRIST 2012).

Região do Pantanal: nessa porção do estado, notamos com mais intensidade a influência indígena, perceptíveis nas danças do Cururu e Siriri. A respeito da origem do *Cururu*, alguns pesquisadores afirmam que é uma dança de origem tupi-guarani com influência do misticismo dos índios e dos negros (RODRIGUES 1992). É uma dança de homens que em roda, numa sala ou ao ar livre, cantam versos e toadas, ao som da viola de cocho e do ganzá, em festas religiosas ou profanas. Os violeiros executam movimentos com flexões dos joelhos para animar a brincadeira. Quanto ao *Siriri*, Sigrist (2008) explica que faz parte das festas tradicionais e dos festejos religiosos. A dança lembra as brincadeiras indígenas, com ritmo e expressão hispano-lusitana; a música fala das coisas da vida de forma simples e alegre. Como instrumentos musicais, acompanham a viola de cocho, o ganzá e o mocho ou tamboril. Os movimentos são de fileiras, roda, túnel e os dançadores acompanham com palmas com o par ao lado ou da fileira à frente, sempre com gestos alegres e gentis.

Fotografia 03 – O Siriri



Fonte: Arquivo Grupo Camalote

Região de fronteira: nessa região encontramos a maior diversidade de danças, geralmente de grande influência paraguaia ou sulista. A *Mazurca*, conhecida também como rancheira e o *Xote*, seguem as configurações dos bailes da região Sul do Brasil, sendo que no caso do xote, há registros do Xote de *três*, onde o cavalheiro conduz duas damas. A *Palomita* é uma dança de salão, realizada ao som da polca paraguaia, assim como a *Polca de Carão*. Nessa segunda, observamos a representação dos bailes, onde as damas se insinuam aos cavalheiros, num ritual de conquista; como é característico dos bailes paraguaios serem bem alegres e barulhentos, encontramos nessa dança o *sapucaí*, que é um grito eufórico, oriundo do período das grandes plantações de erva-mate onde os peões comunicavam-se através desse som, que acabou por tornar-se um aspecto da identidade local nos bailes.

Fotografia 04 – A Polca



Fonte: A rquivo Grupo Camalote

A dança *Chupim* é executada desde as cidades de fronteira com o Paraguai até a capital Campo Grande. Representativa do namoro do pássaro que tem esse nome, “[...] os homens se alinham em frente das mulheres e tentam encenar a picardia do amor” (RODRIGUES, 1992, p. 301).

Há ainda o *Toro Candil*, que segundo Sigrist (2008) se caracteriza como uma brincadeira, mas que também assume um caráter coreográfico nas apresentações de grupos de danças folclóricas. É como uma paródia a respeito das touradas espanholas. Tem como personagens o boi e os *mascaritas*, que são os brincantes, que usando máscaras para não serem reconhecidos, instigam o boi, simulam quedas, brincam entre si falando no idioma guarani. Nos momentos de intervalo,

vão para o salão dançar, podendo ser homem com homem ou mulher com mulher, já que fantasiados não conseguem se reconhecer.

Fotografia 05 – Brincadeira do Toro Candil



Fonte: Arquivo Grupo Camalote

Com esse panorama é possível perceber a diversidade de expressões que compõem a cultura popular do Mato Grosso do Sul, entendendo a participação da dança na construção da memória e da tradição do povo sul-mato-grossense, entendendo as influências recebidas e encontrando o que surge de novo, de próprio a partir delas, o que constitui importantes meios para a reavaliação da tão questionada identidade regional.

Uma das maneiras de preservar e promover a dança popular são os grupos de dança que trabalham com a criação na área folclórica, buscando vivências, apreendendo do povo as suas manifestações no intuito de difundi-las de maneira tradicional e artística contribuindo para que tenhamos um novo olhar sobre a nossa história, a cultura popular e o folclore que marca nossa região. Souza (2011, p. 02) ressalta que

Pode-se considerar as danças de cunho folclórico, ou criadas a partir de situações folclóricas como um produto de pesquisa de inúmeros fatores sociais e culturais. O tempo, as pessoas, o lugar e o ambiente que os grupos de danças parafolclóricas pretendem representar, são exemplos de que a atividade coreográfica pode-nos fazer percorrer em minutos por um diversificado itinerário, fazendo-nos confrontar as diferenças entre as culturas e aprender a partir delas.

Para que possamos compreender quão o universo do parafolclore, explica a Carta do folclore brasileiro (1995):

Parafolclóricos são assim chamados os grupos que apresentam folguedos e danças folclóricas, cujos integrantes, em sua maioria, não são portadores de tradições representadas, se organizam formalmente, e aprendem as danças e os folguedos através do estudo regular, em alguns casos exclusivamente bibliográficos e de modo não espontâneo.

Ou seja, cabe aos grupos parafolclóricos a aproximação da expressão popular, em seu contexto de origem, com a dança cênica, havendo uma preocupação estética, onde as representações populares podem ganhar cenários, figurinos mais trabalhados e passos mais estruturados, desenhados coreograficamente, mantendo sempre a autenticidade do folclore.

No cenário da dança sul-mato-grossense, o Grupo Camalote é um dos principais divulgadores das manifestações populares, resgatando tais expressões nas comunidades e grupos sociais em que elas nasceram e são preservadas, e inserindo-as em seu repertório coreográfico. Podemos pontuar que grupos cujo foco seja a dança regional exercem um papel muito relevante, no que se refere à preservação dessas danças, disseminação da cultura popular, formação e informação da sociedade a respeito das tradições e características culturais que compõem o panorama social e artístico do estado. Seguindo a perspectiva citada acima, o grupo trabalha pelo sistema de projeção do folclore definido por Barbosa (2014), ou seja, há uma preocupação com a linguagem cênica, porém a espontaneidade atua como elemento principal, estando à frente do domínio técnico característico de uma dança estética, com a intenção de manter as características representativas do popularesco.

O Grupo Camalote trabalha nesse contexto de dança, não apenas reproduzindo costumes antigos, mas atuando criativamente sobre eles para renová-los. O fato de uma expressão ser tradicional, não significa que ela é imutável, ou que ficou parada no tempo. Brandão (2003, p. 46) aborda claramente essa questão quando afirma:

Ao falar das características do folclore, tal como elas são hoje em dia consensualmente aceitas entre nós, é importante não deixar de lado a mais essencial: o folclore é vivo. Ele existe *existente*, em processo.

No interior da cultura, no meio da vida e dos sonhos de vida das pessoas, grupos e classes que o produzem, o folclore é um momento de cultura e aquilo que não foi *e/le*, há um século e meio atrás, pode estar sendo *e/le* agora.

A produção coreográfica de um grupo parafolclórico ou folclórico, a exemplo do Grupo Camalote, engloba expressões extraídas diretamente das comunidades das quais elas surgiram, sendo executadas no contexto puramente tradicional e popular, outras compreendem adaptações dessas expressões populares, de maneira que configurem uma apresentação que transmita ao público o conceito e o contexto da manifestação que representam. Esse é claramente um trabalho de grande responsabilidade artística e social, visto que o seu objeto consiste não apenas em partituras de dança, mas na expressão da identidade cultural de cada grupo social representado, que constituem a identidade multifacetada, mestiça, híbrida do estado do Mato Grosso do Sul. Sobre o poder de representatividade dos grupos que trabalham com a cultura popular SOUZA (2011, p.61). pontua que

[...] acredita-se que estes grupos de danças parafolclóricas tornam-se referências de memória e identidade para as comunidades em que estão inseridos, em diálogo com as demais regiões brasileiras ou comunidades culturais de origem representadas.

A criação de tais danças, de acordo com o pensamento de Souza (2011), além de configurar um fenômeno cultural na atualidade, é ainda uma maneira de reconhecer a diversidade da cultura brasileira e de atuar na construção dessa diversidade, tornando-se expressões de identificação cultural.

Partindo do pressuposto de que as novas criações em dança, feitas para representar as culturas de origem trabalham no sentido de promover e fomentar a diversidade cultural podemos dizer que a atuação de grupos direcionados, além de resguardar as danças folclóricas tradicionais, como é possível notar em alguns dos seus trabalhos, desenvolve-se não só no ambiente da dança popular, mas também no espaço da dança estética, realizando o seu fazer artístico de maneira a levar as expressões populares de maneira cênica, alcançando públicos diversos e em espaços diferentes.

Para Sigrist (2008), a formação de um grupo parafolclórico sempre foi vista como um meio de dar maior visibilidade à cultura popular. A junção da dança estética, ou seja, da dança feita para o espetáculo, com o folclore e a tradição, faz

com que o popularesco seja notado pelo público da cidade. Sigrist (2008, p. 22) pontua que “resgatar a Cultura popular não significa apenas redescobri-la, mas também revalorizá-la no momento atual, isto é, convencer que ela nada deve à cultura das elites, que constantemente ocupam o melhor espaço”. Ao trabalhar o folclore para a cena, o Grupo Camalote caminha auxiliando-nos a entender a real história multicultural do MS, a trajetória sociocultural do nosso povo relativa às aculturações antigas e também atuais, que constituem tal identidade.

Bem sabemos que as culturas estão em constante transformação e renovação, “nada do que é cultural é estanque, porque a cultura faz parte de uma realidade onde a mudança é um aspecto fundamental” (MORRENTINI; URT, 2010, p.73), ainda que estejamos tratando de manifestações tradicionais, como é o caso de muitas expressões folclóricas, não significa que elas são imutáveis, haja vista que a maneira de ser e agir da sociedade muda e tais atividades são representações desse modo de vida. Igualmente, Urt & Morrettini referem-se à identidade:

Numa concepção psicossocial, a identidade tem o caráter de metamorfose, isto é, está em constante mudança, sendo construída pela atividade. ‘A identidade é sempre pressuposta, mas, ao mesmo tempo, tal pressuposição é negada pela atividade, já que, ao fazer, eu me transformo o que faz da identidade um processo em permanente movimento’ (BOCK, FURTADO E TEIXEIRA *apud* MORRETTINI; URT, 2010, p. 78).

O parafolclore do Grupo Camalote corrobora com essa concepção de constante renovação, sendo ele mesmo instrumento de construção identitária além de promover o encontro do público com o universo da cultura popular, possibilitando a quem assiste conhecer os traços que compõem o que nomeamos regionalismo, reconhecendo esses traços como sendo seus, como a identidade cultural que o caracteriza e que dele também recebe influências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aceitamos um convite para um passeio histórico, social, cultural em nossa própria terra e no universo que a circunda. Quando nos percebemos ao fim desse caminho trilhado há séculos para desbravar essas terras que hoje chamamos Mato Grosso do Sul, percebemo-nos cheios de nós mesmos. É a nossa imagem, colhida por intermédio do encontro dos dançarinos, em cena no palco, com a história e o povo; são encontros culturais, encontros sociais, encontros pessoais.

A contribuição para a arte, para a educação, para a cultura do nosso estado como um todo é indiscutível a cada batida de pés nesse chão batido pelo Grupo Camalote abrindo caminhos para que o nosso povo se veja, se resgate, se projete e se valorize. Como bem citou a fundadora do grupo Camalote professora Marlei Sigrist as palavras de Brecht, em seu livro Chão Batido: “Popular é o que as grandes massas compreendem, o que documenta e enriquece a sua forma de expressão(...) é o que, partindo da tradição, a leva adiante”.

Entendemos que a identidade cultural do Mato Grosso do Sul não é algo imutável, mas está em constante desenvolvimento e transformação. O que caracteriza essa identidade é justamente o resultado do encontro com as diversas culturas vindas dos países e estados vizinhos cujas influências são notadas em diversos aspectos sociais e em diversas expressões artísticas, sobretudo a música e a dança. Por isso o trabalho ligado à dança regional atua diretamente no entendimento das pessoas com relação a essa identidade multifacetada em que nosso estado está imerso.

Dessa maneira verificamos que o parafolclore desenvolvido pelo Grupo Camalote atua absorvendo a tradição das comunidades do estado e a reproduzindo em outros contextos e espaços sociais, que não os de origem, mas com o objetivo de resgatar, preservar e difundir para outras pessoas, interferindo criativamente de maneira a levar adiante a cultura popular sul-mato-grossense nos levando a enxergar, sentir, conhecer, transformar e compreender de uma maneira que só a arte é capaz.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – ABNT, Rio de Janeiro. **Normas ABNT sobre documentação**. Rio de Janeiro, 2000. (Coletânea de normas).

COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE. **Carta do Folclore Brasileiro**, 1995 <<http://www.fundaj.gov.br/geral/folclore/carta.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2015.

BARBOSA, Jefferson Machado. **O Grupo Camalote e sua configuração na dança sul-mato-grossense mestiça: apontamentos semióticos**. Dourados, MS. Interletras, 2014.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore?** São Paulo: Brasiliense, 2007.

CAMPESTRINI, Hildebrando; GUIMARÃES. **História de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: Ed. Instituto Histórico e Geográfico do Mato Grosso do Sul, 2011. 7ª Edição.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro; FONSECA, Maria Cecília Londres. **Patrimônio Imaterial no Brasil: Legislação e Políticas Estaduais**. Brasília: UNESCO, Educarte, 2008.

MORRENTINI, Marly; URT, Sonia da Cunha. **Cancioneiro do Pantanal**. Campo Grande, MS: Life Editora, 2010.

MUSEU DAS CULTURAS DOM BOSCO. <<http://www.mcdb.org.br>>. Acesso em: 16 nov. 2015.

NOLASCO, Edgar César; BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio; SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. (Orgs.) **Arte, cultura e literatura em Mato Grosso do Sul: por uma conceituação da identidade local**. Campo Grande, MS: Life Editora, 2011.

OLIVEIRA, Acácia Bastista de. **Trajeto Cênicos do Grupo Parafolclórico da UFRN: que dança é essa?**. Natal: Ed da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2011.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

RODRIGUES, Idara N. Duncan; MENEGAZZO, Maria Adélia; SÁ ROSA, Maria da Glória. **Memória da Arte em Mato Grosso do Sul – histórias de vida**. Campo Grande, MS:UFMS/CECITEC, 1992.

SIGRIST, Marlei. **Chão Batido. A cultura popular de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande, MS Ed. da UFMS/Secretaria de Cultura e Desporto de MS, 2008. 2ed.

_____. **Entrevista ao Programa Primeira Pessoa.TV** Educativa Brasil Pantanal, 04/03/2013.

_____. **Mestres do Sagrado- festa do Divino em Santa Tereza**. Campo Grande,MS. FCMS, 2014.

SILVA, Ricardo Souza da. **Mato Grosso do Sul: povoamento, memória e história.** In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23. 2005, Londrina. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz. Londrina: ANPUH, 2005. CD-ROM.

<<http://camalote-estacaofolclore.blogspot.com.br/>> Acesso em: 27 nov. 2015.